



Teleconferência de Resultado – 3T17
10 de novembro de 2017

OPERADORA – Bom dia a todos. Obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 3T2017. Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela Internet via webcast, podendo ser acessado no endereço www.bb.com.br/ri, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. O replay estará disponível pelo telefone +55 11 2188 0400 até o dia 17 de novembro de 2017, em português e inglês. Para acesso ao replay você deve solicitar à operadora para ouvir a tele do BB e a sua identificação será solicitada. A seleção dos slides durante a apresentação será controlada pelos senhores. Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação. Conosco, hoje, estão os senhores Alberto Monteiro de Queiroz Netto, Vice-Presidente de Gestão Financeira e de Relações com Investidores; e Bernardo Rothe, Gerente Geral de Relações com Investidores do Banco do Brasil. Por favor, Sr. Bernardo, queira prosseguir.



BERNARDO ROTHE – Obrigado, bom dia a todos. Obrigado por participarem da nossa teleconferência. Gostaria de começar a apresentação no slide 4 onde a gente apresenta os direcionadores estratégicos da performance do Banco que continua o mesmo que a gente já vem falando há algum tempo que é a rentabilidade, a eficiência, o controle da inadimplência e a melhora da condição de capital do Banco, focado na experiência do cliente e na transformação digital. Os destaques do nosso desempenho na comparação de nove meses deste ano com o ano passado são as rendas de tarifas, com uma evolução de 9,9%, as despesas administrativas que estão sob controle e tiveram queda de 2,7%, afetando o índice de eficiência que chegou a 38,5%.

No próximo slide, o lucro. O lucro ajustado atingiu R\$ 7.872,0 milhões, 45,1% maior do que os nove meses do ano passado. O retorno sobre PL saiu de 9,1% no ano passado para 12,3% neste ano.

A evolução do lucro apresentada no slide 6, vocês podem ver quais são os componentes, a margem financeira bruta com R\$ 43,33 bilhões. A PCLD com R\$ 19,63 bilhões nos 9 meses do ano. Renda de tarifas atingindo R\$ 19,2 bilhões. Despesas em R\$ 23,5 bilhões, destacando que despesas com pessoal é R\$ 14,17 bilhões, outros R\$ 9,4 bilhões, atingindo lucro ajustado de R\$ 7,87 bilhões e um lucro contábil de R\$ 7,9 bilhões.

Os indicadores de mercado estão na página 7. O lucro por ação vem com aumento contínuo nos últimos 4 trimestres e a expectativa de mercado aponta ainda melhoras nos trimestres futuros. O dividend yield em 2,68 no 3T2017. Preço lucro 10,96 e preço valor patrimonial em 1,04.

No slide 8, a captação comercial do Banco chegou em R\$ 572,0 bi, reflete o comportamento da carteira de crédito, destaque para o aumento da poupança de 3,9% na comparação de 3T2017 com 3T2016.



No slide 9, o comportamento da carteira de crédito ampliada teve um decréscimo de 7,9% em 12 meses, 2,7% na comparação com o trimestre anterior. Vale destacar a mudança do mix onde a gente vê a pessoa jurídica caindo de importância no total da carteira sendo substituído pelo agro e pela pessoa física.

No slide 10 temos o aumento dos desembolsos mostrado na base 100 no 1T2016. Vale destacar que a comparação do 3T2017 com o 3T2016 a gente já tem 49,0% a mais de desembolso na carteira como um todo. Essa comparação da carteira PF ainda maior com 100,0% de aumento, o agro 39,0% e a carteira PJ é 21,0% a mais de desembolsos. Ou seja, todas as carteiras têm mostrado aumento de desembolso o que dá uma perspectiva positiva para o futuro em termos de comportamento da carteira de crédito.

No slide 11, a carteira pessoa física. O crédito imobiliário teve um crescimento de 6,1% na pessoa física com market share de 7,8%. O crédito consignado em 12 meses teve crescimento de 4,4%, market share de 21,6%, sendo que o principal componente por tipo de cliente que vem crescendo é o aposentado e pensionista. CDC salário por sua vez teve um pequeno decréscimo e a carteira de veículos continua caindo na visão 12 meses reflexo do início da demanda por maior demanda por carros e automóveis e outros veículos acontecendo agora neste período que deve se refletir mais para frente no comportamento dessa carteira como um todo.

No slide 12, a carteira pessoa jurídica ampliada. Aqui vocês podem notar um decréscimo de 15,5% no total da carteira, na visão de 12 meses, e 3,4% na visão trimestral. A principal queda ainda é na micro e pequena empresa, um decréscimo de 30,9% e no trimestre um decréscimo de quase 10,0%. Essa é uma carteira que tende a estabilizar, ter sua inflexão e começar a mostrar crescimento dado o aumento contínuo de desembolsos que a gente tem visto nesta carteira no 1T do ano que vem.



No slide 13, o agronegócio. A carteira rural teve crescimento em 12 meses de 5,0%, a gente tem 60,1% de participação de mercado. Mas importante destacar que esse plano safra os desembolsos do primeiro trimestre do Plano Safra que corresponde ao terceiro trimestre do ano aumentaram 24,1%, um bom aumento também no volume de desembolso.

No slide 14, já trazendo a qualidade da carteira. O índice de inadimplência atingiu 3,94%. Como a gente já vinha mencionando há bastante tempo a nossa expectativa era de pico da inadimplência ao final do 1S2017 e a gente está demonstrando que a nossa expectativa deve acontecer e a estabilidade no 2S vai continuar no 4T com melhorias a partir do ano que vem.

No slide 15 temos a inadimplência por segmento na visão 90 dias e 15 dias. Destaque para queda na inadimplência da pessoa jurídica. Tivemos um pequeno aumento na pessoa física e um aumento também no agronegócio.

No slide 16, saldo de provisão e coberturas. A cobertura do Banco foi para 152,3%. Atingimos R\$ 37,8 bilhões em provisão. Bastante estável em relação ao período anterior. Mas o destaque foi o reforço na previsão complementar que fizemos no trimestre principalmente nos riscos E, F e G.

No slide 17 a cobertura por segmento. A pessoa física está com 170,0%, o agro 160,0% e a PJ 137,8%.

Slide 18, risco médio e carteira por nível de risco. Risco médio do Banco ficou em 6,0% e 91,0% das operações do Banco do Brasil estão concentradas nos riscos AA-C.

Slide 19, é o fluxo de provisão por carteira. É a provisão do trimestre pela carteira. O total foi de 0,99%, continua sendo mais forte na PJ, 1,55%. Pessoa física 0,87%. Agro 0,66%. Na parte de baixo do slide nós temos o total da despesa por trimestre.



Vocês podem notar que a gente continua com a nossa tendência de redução gradual da despesa de provisão a cada trimestre.

No slide 20, formação de inadimplência. Vale destacar que o resultado de formação de inadimplência deste trimestre foi o menor valor nominal desde 1T2015, mostrando que a nossa expectativa de formação da inadimplência vai continuar caindo gradualmente ao longo dos próximos trimestres e isso vai se refletir ao longo do ano também no índice de inadimplência mostrando que o problema a e a maior formação de inadimplência já passou e os movimentos agora foram mais positivos. Então foi 0,73 no 3T2017 e o valor nominal de 4,68. Se incluirmos a carteira renegociada acima de 90 dias esse número também cai, fica 0,80 e no valor nominal, 5,13. Formação de inadimplência por segmento. A PF está estável e também no agronegócio. Tivemos uma boa redução da PJ.

Créditos renegociados por atraso no slide 22. O destaque é o contínuo aumento dos valores recebidos de principal mais juros menos os juros capitalizados, de 773 milhões no 3T que representa um recebimento em caixa de mais de R\$ 1,3 bilhão. A provisão da carteira continua melhorando, com 48,0% sobre a carteira total. A inadimplência mostrando melhora contínua nos últimos trimestres, de 24,6%. A cobertura total desta carteira de 195,2% sobre a inadimplência existente e a formação da inadimplência foi uma melhora contínua ao longo dos últimos trimestres.

No slide 23, temos a margem financeira bruta. Ela representou uma queda na visão sem recuperação de crédito e perdas de 0,4% na comparação com o 2T2017, e de 2,2% na visão de 9 meses. Vale destacar que o saldo médio da carteira no período de 9 meses teve uma queda bastante maior do que a margem, foi mais de 6,0%. De modo que, apesar da queda, os spreads têm tido um bom comportamento.



Isso pode ser notado no slide 24, onde a gente mostra um pequeno aumento no spread da pessoa física que se reflete também no total da operação de crédito e também aumento na PJ. E o agro teve uma pequena redução nesse período.

No slide 25, o spread global. Chegou a 4,56%. Aqui temos uma queda mas, de novo, como nos outros trimestres tem um efeito mix bastante importante que a gente continua aumentando o saldo médio dos ativos líquidos contra uma redução do saldo médio das operações de crédito. O efeito sazonal normalmente no 3T e 1T de cada ano, sem grandes recuperações de crédito e perdas, isso afeta também o spread global, o composto dessas reduções foi basicamente 10 bps na recuperação de perdas a menos em comparação com o 2T e o mix nesse trimestre apresentou 4 pbs, ou seja, se não tivesse havido essa modificação nosso spread global teria ficado estável.

No slide 26, rendas de tarifas. Os destaques continuam sendo a receita de tarifas com conta corrente, um crescimento de 11,3% em 9 meses. Administração de fundos, com 26,6. São os dois principais itens de tarifas do Banco do Brasil. Eu também gostaria de passar a recuperação do mercado de capitais, com 13,0% de crescimento e em termos percentuais o consórcio continua sendo o grande destaque com 33,6%.

No slide 27, nós temos as despesas administrativas e eficiência. Tivemos um decréscimo de 2,7% nas despesas administrativas. O principal item de despesas com queda foi a despesa de pessoal, tivemos um pequeno aumento em outras despesas administrativas. O índice de eficiência chegou a 38,5%, é o menor índice de eficiência do Banco na nova série histórica. No lado direito desse slide, nós temos também o comportamento das agências, o número de agências e funcionários. A redução do total de funcionários em 9,0% na comparação de setembro de 2017 com setembro de 2016, ainda bastante impactado pelo programa de aposentadoria incentivada que fizemos no final do ano passado, que representa boa parte dessa redução, mas na visão trimestral também tivemos uma queda de 0,3%. As agências,



um decréscimo de 10,0% no total mas agências tradicionais tem caído mais, 13,1%, e a gente tem aumentado como a gente vem afirmando há algum tempo, o atendimento digital. Isso significa que a gente teve aumento no número de escritórios e agências digitais em 51,0% em 12 meses, 11,0% na comparação com o trimestre anterior.

No slide 28, o índice de Basileia. Atingimos 19,15% no nosso indicador de Basileia. O nível de capital é bastante alto e o capital principal chegou em 10,04%. Mantemos o nosso desafio de ter no mínimo 9,5% em janeiro de 2019 de capital principal fully-loaded Basileia III. E esse crescimento que a gente vem mostrando é reflexo da retenção de lucro, o aumento da lucratividade e retenção do lucro e o gerenciamento do crescimento do RWA.

No slide 29, trazemos a aplicação integral das regras de Basileia, o fully loaded. O índice de Basileia sai de 19,1% para 18,6% após a aplicação de todas as regras e o uso de crédito tributário. O indicador de capital principal saímos de 10% para 9,5%. Esse 9,5% como eu havia dito, é o nosso target para o piso de capital principal no início de 2019.

No slide 30, temos o realizado em comparação com o guidance. Lucro líquido ajustado 7,9. Margem financeira bruta -2,2, dentro do guidance. As despesas de PCLD líquida de recuperação de operação de perdas 16,2, também dentro do guidance. Renda de tarifas em 9,9%, ligeiramente acima do guidance e despesas de -2,7%, ligeiramente inferior ao piso do nosso guidance de decréscimo de despesa administrativa. Aonde a gente não atingiu o guidance: a carteira de crédito, -6,9% em comparação com -4% a -1% que temos para a carteira como um todo. E esse índice não foi atingido em todas as carteiras nesse trimestre. Nessa perspectiva, a carteira de crédito deve atingir o guidance até o final desse ano, até porque na comparação com o 4T do ano passado já teve uma queda bastante expressiva em relação ao trimestre anterior, então é natural esse processo de queda se desacelere e o crescimento necessário no 4T para gente chegar no guidance, não é nada muito



grande, até factível e semelhante ao que já aconteceu no 3T dado inclusive o volume de desembolsos que continuam crescentes.

Por fim, eu gostaria de convidá-los a todos a participarem da Apimec do Banco do Brasil no dia 6 de dezembro, às 14h30 no Hotel Renaissance, vocês teriam a oportunidade de conversar com os dirigentes do Banco do Brasil, o presidente do Banco e vários vice-presidentes que estarão presentes. Obrigado. Eu gostaria de abrir agora para o Q&A.

OPERADORA- Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem *1. Solicitamos aos participantes que façam apenas um questionamento em cada rodada de perguntas.

Nossa primeira pergunta vem do senhor Thiago Batista, do Itaú BBA.

BATISTA - Oi, pessoal. Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas. Uma sobre imposto e risco legal, nesse trimestre essas duas linhas me chamaram atenção na minha opinião que tiveram movimentos pouco atípicos, o IR foi muito baixo e o risco legal mesmo sendo volátil, continua bem alto. Vocês poderiam falar um pouquinho o que motivou essa queda, principalmente no IR nesse trimestre, e também esse aumento do risco legal e o que a gente pode esperar nos próximos tris nessas duas linhas. O segundo ponto em relação ao reforço em provisão complementar em PJ que vocês fizeram, você já falou, Bernardo, a parte importante ficou na letra E, F e G, acho, mas na parte da letra E, dá para imaginar que no reforço do cliente específico de vocês com essa provisão complementar?

ROTHER - Obrigado, Thiago, pelas perguntas. A questão do imposto, esse trimestre a gente teve crédito tributário sendo efetuado na BB Seguridade, você deve ter visto na divulgação de resultado dessa nossa empresa e foi da parte da BB Seguridade que foi consolidado no Banco, então isso já gerou crédito tributário nosso lado também com efeito na taxa final. De certa forma também, né, a gente teve isso



também no Banco, a visão que eu prefiro que vocês olhem é a de nove meses porque na visão de nove meses a taxa não está muito diferente do soft guidance que eu já tenho passado para vocês que é de 30-35% para LAIR no âmbito da equivalência patrimonial, ou seja, a gente teve no trimestre uma taxa de imposto bastante acima desse patamar, agora ficou abaixo desse patamar e a tendência de um ano todo é ficar dentro desse nível que eu acabei de comentar. De 30% a 35,0%, desconsiderando o resultado de equivalência no LAIR para cálculo dessa alíquota, dessa taxa efetiva de imposto. É um movimento natural de controle até do saldo do crédito tributário que a gente tem em carteira para utilização mais efetiva até o final de 2018, que é estimada uma alíquota de imposto existente mais alta. Para ser mais efetiva, a gente controla bastante o saldo de crédito tributário e a gente faz os ajustes quando necessário, lembrando que eu já faço o crédito tributário hoje sobre provisões com uma alíquota de 40,0% dado que o que eu faço de provisão, lá na frente ele tem que ser utilizado a partir de 2019 quando a princípio a alíquota de imposto deve cair.

O risco legal ele está mais vinculado a algumas ações, a maior parte está vinculada, do aumento, né, está vinculado às questões trabalhistas, algo natural que acontece após você ter um programa grande de desligamento, então não é nada fora do previsto, faz parte do processo de reestruturação, a gente tem até resolvido algumas questões trabalhistas nesse período, antecipando ou evitando custos futuros. Para este ano a tendência é difícil dizer que vai cair desse nível que a gente teve agora, mas a tendência para o futuro é esse valor até se reduzir. Quando é que vai começar a reduzir é difícil dar uma visão mais correta sobre isso, mas não é um tipo de despesa que você pode perpetuar, como crescente sempre, a partir de agora. É uma antecipação de despesa futura num volume no menor que teria no futuro. Então acho que é mais uma solução com efeitos positivos no longo prazo. Essa questão do risco legal é basicamente o que está acontecendo.



Sobre o reforço de provisão que a gente fez na provisão complementar, a gente estreou a complementar no risco E-F-G, foi direcionado para clientes que estão em recuperação judicial e estavam classificados nesses três níveis de risco, são algumas empresas, não é só uma, Ok?

BATISTA - Obrigado, Bernardo.

OPERADORA - Nossa próxima pergunta vem do Sr. Eduardo Rosman, do BTGPactual.

ROSMAN - Bom dia a todos. Tenho duas perguntas também. A primeira é sobre a margem financeira, eu queria pegar com vocês um pouco de cor de como a gente deveria ver a margem financeira e o NIM, né, em 2018. Não é nem um guidance, é só tentar entender aqui para onde que deve ir, porque a carteira de vocês está caindo ainda e aí mesmo que o crédito se recupere no ano que vem, provavelmente a carteira média ainda vai estar pressionada e que a SELIC, ela vai estar mais baixa. Por outro lado, vocês têm uma carteira pré mais alta que os outros bancos e vocês ainda estão naquele processo de, não sei se acabou ainda, de reprecificar algumas operações que tinham sido feitos lá atrás com o spread menor. Então eu queria saber como que a gente deveria pensar aí nessa dinâmica aí de NIM e margem financeira e se dá para esperar algum crescimento de margem financeira em 2018. Essa seria a primeira pergunta. A segunda pergunta é sobre rentabilidade, o Banco tem tido aí uma melhora importante de rentabilidade em 2017 versus 2016. Acho que em 2016, a base foi mais pressionada, e queria saber como é que a gente deveria pensar para frente, acho que o Banco desde que o presidente Caffarelli assumiu tem falado aí em chegar na rentabilidade dos bancos privados, queria saber em quanto tempo dá para gente ver isso acontecendo e se essa melhora da rentabilidade daqui em diante ela deveria ser mais gradual ou se você ainda espera alguns saltos como a gente viu aí no ano de 2017 versus 2016. Obrigado.

ROTHER - Obrigado, Rosman. A margem para este ano, a gente fica dentro do guidance, essa é a nossa expectativa. A gente já está e vai ficar no guidance até o final do 4T, agora a tendência é ficar entre o meio e o piso do guidance. É natural até porque o crescimento do crédito, ele vai ser essa mudança na dinâmica do mix, ela tende a acontecer mais no ano que vem. Ou seja, quando eu vou ter crescimento de crédito e posso começar a reduzir até a importância dos ativos líquidos dentro da minha carteira. Isso é um movimento mais para o ano que vem, não acontece ainda neste ano. Então a margem para o ano fica dentro do guidance, dentro do esperado, não vai ficar acima do meio do guidance, deve ficar entre o meio e o piso. O spread global, ele vai ter um comportamento de piorar e depois melhorar, vai acontecer isso. É natural que no final do ano que vem o spread global esteja melhor do limite do ano que vem, por conta, de novo, do comportamento da carteira de crédito, que é uma carteira que vai crescer, na nossa visão, no ano que vem. Não posso te passar guidance ainda porque a gente não definiu, mas a nossa carteira cresce no ano que vem, isso tem efeito positivo sobre o spread global, quando a gente começa a notar o peso do saldo médio da carteira de crédito ao longo do ano. Começa pior do que termina, com um movimento que tende a ser de melhora ao longo do ano, principalmente, no 2S.

A margem não é um driver de crescimento no ano que vem, na nossa visão. A margem vai ser um fator importante para a estabilidade, pode ter até um pouco de queda, de novo, eu não tenho o guidance para te passar, então fica difícil dizer, mas eu não esperaria crescimento de margem financeira bruta ao longo do ano que vem, no total. O principal driver de crescimento nosso para o ano que vem de rentabilidade vai continuar sendo o controle das despesas, a melhora da performance de tarifas, continua crescendo acima da inflação, crescer despesa abaixo da inflação e a melhoria do risco de crédito e do volume de provisões que a gente faz. Esses são os principais drivers de crescimento de rentabilidade.



É possível esperar em termos de lucro por ação, né, um crescimento de dois dígitos baixo para gente o ano que vem? É possível. A gente acredita que dá para fazer, que dá para entregar algo semelhante. Não vai ser tão grande. Os 45,0% que a gente entregou agora não vai se repetir, sem dúvida nenhuma, vai ser muito diferente disso, mas maior que um dígito, pode ser. Para te dar uma ideia, considerando a expectativa do nosso guidance cheio de lucro líquido, eu diria que o piso do guidance (do ano que vem) deve ficar próximo ao resultado deste ano que a gente vai entregar.

ROSMAN - Ótimo. Muito obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Rafael Frade, do Bradesco.

FRADE - Bom dia a todos. Tenho duas perguntas. Primeiro em relação ao NPL creation, então se comentou aí numa expectativa de continuar vendo uma melhora sequencial, eu só queria reafirmar isso: dado que teve uma melhora muito grande na PJ neste trimestre especificamente. Se pudesse falar um pouquinho mais dessa melhora, dada a melhora tão grande que a gente teve, fica alguma preocupação se talvez pode aumentar ainda um pouquinho no 4T e depois voltar a cair. Então se pudesse falar mais um pouco da dinâmica dessa melhora. E a segunda pergunta é com relação ao spread de PF. No release de vocês, vocês mostram as taxas de juros cobradas por várias linhas de PF e a gente vê que elas se mantiveram praticamente constantes e quando vocês mostram o spread ele também está constante. Queria só entender melhor esse spread porque dado que a taxa de juros caiu eu imaginaria que o spread em si aumentaria, dado que as taxas cobradas estão constantes e o referencial caiu, né. Então se pudesse falar um pouco disso.

ROTHER - Ok. Primeiro sobre o spread de PF. O spread que a gente divulga e que está no slide 24, considera as transações com taxa pré-fixada. Eu travo o spread no momento da contratação, então não existe efeito nenhum de SELIC sobre esse spread. Então a SELIC cai mas o spread gerencial que eu divulgo para vocês não

mexe por conta da SELIC. Então não tem esse efeito no spread ali. Esse ganho no ambiente de spread por conta da redução da SELIC fica na tesouraria, vamos dizer assim, gerencialmente na nossa visão. Então são ganhos que a tesouraria travou ou não travou, que a posição que tomou quem perde ou ganha é a tesouraria não é as linhas de produto, então, dentro da nossa visão gerencial, as linhas pré-fixadas não têm ganho ou perda por conta de alterações no valor da SELIC. As taxas que a gente divulga no MD&A, elas são taxas, não são spread, são taxas, são as taxas cheias, então aqui também não tem efeito na SELIC, qual é a taxa média da carteira toda, não é só da contratação do trimestre, então toda carteira, quanto que está a taxa média. Você pode notar que a taxa média melhorou ao longo do ano inteiro e em quase todas as linhas. Teve uma pequena redução no crédito pessoal agora em setembro, de 1 bp da taxa média, o financiamento de veículos continua subindo, o imobiliário continua subindo e o consignado também deu uma pequena queda de 1 bp agora. Mostra que eu estou fazendo mais spread realmente por conta do SELIC, caindo nessas carteiras de PF. Isso acontece também na pessoa jurídica que tem taxa pré-fixada, principalmente a MPE e parte da carteira de médias empresas.

Sobre o NPL creation, a pessoa jurídica realmente vem bastante baixa. Então a nossa visão é de gradualismo nessa melhora. A performance desse trimestre ficou um pouco abaixo do gradualismo que a gente espera. Então é natural que a gente retome uma visão assim, trimestre a trimestre, de melhorias graduais. Pode acontecer de não termos uma nova queda ou até ter algum aumento, um pequeno aumento no NPL creation da PJ no 4T. Isso seria natural dado que está dentro da nossa expectativa de uma visão de curto/médio prazo de melhorias graduais.

FRADE - Perfeito, Bernardo. Só com relação ainda ao NPL formation do trimestre, podia dar uma ideia para gente se essa melhora ela veio principalmente de corporate ou mais de SME, ou um pouco dos dois? Como é que é? Dá uma ideia das proporções, né?



ROTHER – Olha, boa parte, como a gente sempre fala, como uma parte da inadimplência ela veio da micro e pequena empresa, a maior parte da melhora acaba sendo da micro e pequena empresa também, mas é na carteira toda.

FRADE - Perfeito, Bernardo. Obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Gustavo Schroden, do Bank of America.

SCHRODEN - Bom dia, pessoal. Obrigado pela oportunidade, eu vou fazer duas perguntas também. A primeira é relacionada ao guidance, principalmente de, o guidance ou performance, né, principalmente de rendas de tarifa e despesa administrativa. A renda de tarifa está rodando aí acima do guidance e a despesa administrativa tá vindo também, vamos dizer, tá abaixo, né, ou seja, está vindo melhor do que o guidance. Alguma expectativa da gente ver no final o ano, até o final de 2017, é possível que esses dois itens surpreendam, inclusive o guidance do management? E a minha segunda pergunta é relacionada ao crescimento de carteira. Se a gente olhar, o Banco já chegou ao 9,5% de common equity I fully loaded e essa é a meta do Banco para 2019. Porém, atingiu esse índice com uma carteira caindo 7,0%. A minha pergunta é: é possível manter esse 9,5% com aceleração de crescimento de carteira em 2018? E também considerando que deve ter algum adicionamento de risco nessa carteira que deve ter um, provocar um aumento também no RWA. Enfim, eu queria que vocês comentassem também como vai ser o gerenciamento entre o índice de capital e um crescimento de carteira que tem sido anunciado. Obrigado.

ROTHER - Obrigado, Gustavo. Vamos lá. A tarifa e despesa administrativa. Eu já tinha alertado vocês há algum tempo também, que o 3T do ano passado ele foi um trimestre, em termos de comparação, foi positivo, para tarifa e despesa administrativa também. Por que? No 3T do ano passado a gente teve uma greve em setembro e este ano a gente não teve greve. O 4T do ano passado foi um trimestre

forte, então na hora em que eu incluí na comparação o 4T a gente vai ficar dentro do guidance, sem dúvida alguma acima do meio do guidance, que é uma performance bastante boa, mas dentro do guidance. Então a nossa expectativa desde o início do ano, como a gente falou para vocês que a tarifa ia migrar para dentro do guidance apesar de ela estar vindo acima, é porque este ano foi mais constante a melhoria do trimestre e ano passado teve altos e baixos ao longo do ano, então teve trimestres mais fortes e mais fracos e a comparação acabou levando a gente para cima do guidance ao longo dos três trimestres deste ano. Mas no final do ano a gente vai ficar acima do meio, com certeza, perto do topo, próximo ao topo mas, acima do meio, é melhor dizer assim, e com a performance bastante adequada e dentro do que a gente gostaria de fazer. A despesa administrativa deste trimestre também, a gente tem uma comparação com o 3T do ano passado que teve o abono para os funcionários de bancos no Brasil inteiro. Se você lembrar, ano passado a gente registrou o abono como uma despesa recorrente. Isso afetou, ou aumentou o custo de pessoal, principalmente, no 3T do ano passado. Este ano a gente não teve abono, então não tem despesas expressivas que nessa comparação fez a gente ficar abaixo do guidance. A tendência nossa é ficar dentro do guidance, entre o meio e o piso do guidance, próximo do piso potencialmente.

Para o ano que vem, como eu disse, a tarifa crescendo acima da inflação, a despesa abaixo da inflação, lembrando uma inflação baixa, a tendência é abaixo da inflação, mas mais próxima da inflação do que esse ano. Para carteira, a gente tem uma expectativa de crescer nas linhas de negócio que tem o RWA, o RWF, o fator ponderado pelo risco, menor do que a média da minha carteira atual, ou seja, a tendência de queda de densidade na carteira, nos ativos do Banco. Essa queda de densidade possibilita eu crescer e gerar capital ao mesmo tempo, então aumento de rentabilidade do Banco gera capital a cada trimestre e eu crescendo os meus ativos de crédito em linhas com menor fator de ponderação de risco isso possibilita fazer esse crescimento e manter um nível adequado de capital principal e capital total, ou seja, a gente tem espaço para atender a demanda de mercado, crescer e ficar dentro



das nossas, ficar pelo menos no piso de capital principal estabelecido pelo conselho de administração do Banco do Brasil. Só para te lembrar nós queremos crescer com o rural, pessoa física, MPE e a estratégia é não competir no mercado de capitais com as grandes empresas.

SCHRODEN - Ok. Está ótimo. Obrigado, Bernardo.

OPERADORA - Nossa próxima pergunta vem do Sr. Jorg Friedemann, do Citibank

FRIEDEMANN - Obrigado pela oportunidade, bom dia a todos, eu tenho duas perguntas. Tentar sair um pouquinho da discussão do trimestre em si. Perguntas um pouco mais gerais, até em relação do que tem saído na mídia, vocês tem por acaso algum update da negociação dos bancos via Febraban com a justiça em relação aos planos econômicos? Saiu alguma coisa recentemente, não sei se vocês têm algum update que vocês poderiam precisar para gente, seja na questão de provisões que vocês têm feito. Eu vi que neste ano nos primeiros nove meses, as provisões para planos econômicos caem entre R\$ 800-900 milhões no ano passado para R\$ 600-500 milhões neste ano, isso já sinaliza que vocês estão num nível confortável para essas provisões na opinião de vocês e se tem algum timing para que essa resolução seja alcançada. Essa é a primeira pergunta. E a segunda pergunta, eu estou aqui no exterior esses tempos e eu acho que teve um pouco de confusão em relação às notícias que saíram meio desencontradas ao longo do início da semana, é sobre a questão do TCU, analisando os contratos dos híbridos com alguns bancos públicos, eu queria saber se vocês podem dar um pouco mais de cor sobre como que está a questão do Banco do Brasil e, particularmente, especificar onde que essas linhas, na verdade, de despesas do híbrido são bookadas, eu entendo que são bookadas contra patrimônio líquido, na linha de mutação do patrimônio líquido, então mesmo que houvesse algum tipo de correção de taxa futuramente, coisa que não está prevista em lei, mas mesmo que houvesse, eu entendo que não impactaria PNL, vocês poderiam confirmar se meu entendimento está correto. Obrigado.



ROTHER - Obrigado, Jorg, pelas perguntas. Sobre as negociações dos planos econômicos, como elas acontecem no nível da Febraban, eu não tenho como comentar. O que eu posso te dizer sobre plano econômico é que a gente faz as previsões que são necessárias, caso a caso, por CPF, a gente apura cada caso que existe, quanto que é a perda provável e faz a provisão necessária para cobrir essas perdas. Então, é um processo que se reavalia diariamente dado o nível das ações que possam existir contra a gente e as ações que ainda podem vir. A gente espera o momento adequado para fazer conforme o movimento. Só para lembrar, as ações individuais elas acontecem e tem soluções quase que todo dia também, as que estão paradas esperando uma decisão são as ações coletivas que envolvem o IDEC, etc. Então, por isso que tem variações de saldo, se faz algum reforço de provisão de vez em quando porque tem esses processos individuais estão acontecendo e continuam seguindo seu curso normal. A expectativa é que as despesas com provisão para planos econômicos no longo prazo ou no médio prazo elas vão cair e vão acabar desaparecendo. O ponto que eu sempre gosto de destacar é: não esperem nenhum efeito positivo de um acordo feito dentro dessas negociações da Febraban com as partes interessadas, não esperem um efeito positivo no resultado do Banco porque eventualmente existindo qualquer tipo de evento positivo a gente vai tender a anular esse efeito positivo e neutralizar e manter provisões no balanço do Banco. Sobre o IHCD, as notícias sobre o processo, a análise que foi feita no TCU, o Banco do Brasil não é parte e não é parte interessada, e não é objeto da análise, enfim, então, em algum momento se o TCU achar que precisa eles vão abrir um processo específico no caso do Banco do Brasil e nesse momento a gente vai poder apresentar as características do que a gente tem, como é que foi feito, quais são os objetivos e mais detalhes para uma análise eventual inclusive para o plenário do TCU. Isso não é uma coisa de curto prazo, a gente não tem prazo definido para isso, não tem definição nenhuma sobre isso, não existe cronograma de amortização, não existe mudança de taxa de remuneração, não existe nada, hoje qualquer coisa que a gente falar é pura especulação. Na nossa visão o IHCD ele está bem feito, ele é funding



para o nosso crédito rural, a gente utiliza esse funding para financiar o crédito rural, o crédito rural que é como a sociedade brasileira resolveu subsidiar o agronegócio, é uma atividade que no mundo inteiro recebe subsídios governamentais, não só no Brasil, existe subsídio de um programa de equalização, então é algo natural a existência de subsídio para o agronegócio em qualquer lugar do mundo e isso é efeito de equalização e gente usa de diversas fontes pra financiar o agronegócio, de poupança, depósito à vista, LCA, e um deles é o IHCD que a gente tem. Então a gente tem um negócio de características bem específicas, bem determinadas, com direção bem clara, foi aprovado no Congresso, então a gente tem assim vários argumentos aqui para apresentar e mostrar que o que a gente tem no Banco do Brasil está corretamente aprovado dentro dos trâmites que precisavam ser aprovados. A despesa com o IHCD, que é uma remuneração variável, ela é feita contra reserva de lucro. Então no balanço consolidado ela não passa nas linhas de despesas e não afeta o resultado do lucro líquido no final de cada trimestre.

FRIEDERMAN - Perfeito, obrigado pelos esclarecimentos.

OPERADORA - Nossa próxima pergunta vem do Sr. Yuri Fernandes, do JPMorgan.

FERNANDES - Obrigado, Bernardo. Acho que maioria das perguntas foram respondidas, mas aproveitando esse tema rural, perguntar um pouquinho de inadimplência no rural. Ali a gente viu que tem rodado um pouco mais elevado para patamares históricos, se você puder dar um pouquinho mais de detalhe, se tem alguma região específica, algum tipo de safra, alguma coisa que explica e como vocês enxergam essa linha mais para frente? E aproveitando também esse tema de qualidade de crédito, se vocês puderem falar um pouquinho da carteira renegociada também, a gente viu que ela desacelerou esse trimestre, acho que faz algum sentido, dada a melhora econômica, mas só saber de vocês assim, é um pouco cedo para gente ver essa tendência de queda ou foi só um one-off, deveria continuar elevada essa carteira ou, não, vai continuar caindo nos próximos trimestres? Obrigado.

ROTHER - Obrigado, Yuri. Sobre a inadimplência do rural, o que afetou a inadimplência desde o 1T está vinculado à pecuária. Teve o efeito climático, com seca afetando pasto e afetou a pecuária de carne e leite, então no 1T isso já aconteceu. No 2T a gente teve um efeito preço também que afetou mas aí é só mais a pecuária de corte. Mas é um segmento do agronegócio que tem um ciclo produtivo mais longo e por ser um ciclo produtivo mais longo, a tendência natural é que a inadimplência resolva num período mais longo que aconteceria com outros tipos de segmentos de agronegócio, por exemplo, soja, grãos em geral, a gente tem ciclos mais curtos e são resolvidos mais rápido. Então a expectativa é que essa inadimplência continuasse alta por um tempo por conta da sua origem. No 3T acabou havendo um pouquinho mais de pressão de inadimplência e também de problema de seca, que a seca agora no Brasil, a gente está vendo, está bem forte nesse período e afetou a produção de soja em alguns lugares. Então parte dessa diferença de formação da inadimplência do trimestre está vinculada à soja nesse trimestre, mas não é nada de novo, é algo que dá para se resolver mais rápido que a gente vê isso se resolvendo aí no médio prazo por conta da pecuária, por conta do ciclo mais longo, mas não é nada que está fora de controle ou indicação de uma piora contínua nos próximos trimestres. A gente vai começar a melhorar esse indicador e ele deve começar a melhorar da forma como a gente quer no 4T e no 1T do ano que vem já deve mostrar uma melhora. Com relação à renegociada, só para lembrar, a gente tem sazonalidades, da mesma forma que a recuperação de crédito no Banco é mais forte no 2T e 4T, a renegociação também é. Então a queda do 3T acontece e é até melhor você comparar a visão do 3T2016 com o 3T deste ano, essa queda, ela se mostra que o processo pode levar a isso, a comparação com o 2T não é muito boa, então no trimestre que vem compare o 4T com o 4T, a gente pode até mostrar uma nova queda, enfim. Agora a tendência de médio prazo é como a gente espera que os casos de recuperações judiciais sejam resolvidas, a tendência é que essa carteira continue alta, porque o movimento natural é a recuperação judicial virar um crédito negociado após homologação do juiz. Então isso vai começar a afetar contratações



à medida que os casos de recuperações judiciais sejam resolvidos. Então pode haver algum aumento mais para frente mas de novo vai ser a soluções reais dos problemas, e não aumento por deterioração da carteira que a gente já tem, tá? Só para ficar de olho e tomar cuidado com potenciais movimentos de crescimento no futuro por conta da dinâmica da recuperação judicial.

FERNANDES – Super claro, Bernardo. Muito obrigado.

OPERADORA - Nossa próxima pergunta vem do Sr. Lucas Lopes do Credit Suisse.

LOPES - Bom dia a todos, bom dia, Bernardo. Eu tenho duas perguntas também. A primeira é sobre a qualidade do crédito pessoa física, a gente está vendo o Banco rodar num patamar de formação de NPL, como vocês chamam no disclosure de 2017 muito acima de 2016. Quero saber até que ponto isso é imobiliário e se são alguns produtos que estão atrapalhando e qual a cabeça de vocês para essa linha e para pensar em uma melhora sequencial mais relevante aí nos próximos trimestres. E a segunda pergunta é sobre fees, sobre receita de tarifas de serviços, vocês comentaram numa resposta anterior um crescimento acima da inflação, queria saber quais os principais drivers, que linhas vocês estão mais otimistas a respeito e se isso pode ter um pouco a ver com uma melhora da qualidade de crédito, talvez isso um pouco mais na parte de PJ que acaba eventualmente deixando mais tempo da força de venda de vocês, do gerente do Banco pra vender os seus produtos, como produtos de agro, seguros e etc. Obrigado.

ROTHER - Obrigado, Lucas. Sobre a PF, a gente teve um processo de mudança de mix na carteira que começou em 2015 na busca de uma relação melhor risco-retorno, ou seja, a gente acabou tomando mais risco para ter maior retorno e é natural que esse risco maior se reflita também no índice de inadimplência, totalmente controlável, esperado e precificado. Então essa mudança de mix da forma como a gente constituiu o mix afetam no final a inadimplência agora, a gente tá olhando pra frente no crescimento de linhas, vamos continuar olhando o risco-retorno, mas a



expectativa do consignado cresça mais nos próximos trimestres e isso tende a puxar, via efeito mix também mais pra frente, a inadimplência de volta para os padrões que a gente sempre teve, talvez não chegue aos níveis tão baixos até porque a gente tá tomando mais risco para ter mais retorno, então é parte natural de o Banco melhorar a rentabilidade da carteira desde que você precifique o risco corretamente. Se você olhar no MD&A a gente tem aquela performance da safra da PF. Então a performance dessa safra de 2017, ela está ainda abaixo de todas as demais. Após nove meses dá para ver mais claramente ela está performando melhor que as demais. A pior safra na verdade acabou sendo 2016, então a formação da inadimplência de 2016 parecia melhor que essa, mas a taxa de 2016 acabou sendo pior do que essa, então é um efeito que acontece no tempo, então a PF, de novo, a gente tá aí a carteira sob controle, tem casos assim, pontuais, o imobiliário é um efeito mix que houve um crescimento durante o período da crise maior do Minha Casa Minha Vida por contratação prévia. O MCMV você financia o projeto e ele se transforma em financiamento imobiliário depois. Hoje o crescimento já é maior em todas as demais linhas, o mix tende a mudar novamente com efeitos positivos também na inadimplência do imobiliário, a gente cresce linhas de baixa inadimplência. Então, composição geral da PF, estamos bastante tranquilos com a qualidade da nossa carteira e a expectativa é que essa inadimplência se comporte melhor, olhando para frente. Sobre as tarifas de serviços, a questão de tarifas e serviços, quais são os principais drivers? Aumento de consumo de produtos e serviços do Banco do Brasil sobretudo do processo de transformação digital e melhor serviço prestado ao cliente, o aumento de capacidade de segmentação adequada dos nossos clientes, que levam ao aumento natural de consumo de produtos e serviços. Isso vai se refletir em diversas linhas, talvez não no mesmo volume como deste ano, a conta corrente tende a continuar performando bem, administração de fundos a gente espera que performe bem também no ano que vem, a gente pode ter coisas que estavam negativas este ano e que comecem a ficar positivas por conta da atividade econômica, como cobrança que hoje ao invés de



ajudar no crescimento, tem decrescido, pode começar a crescer ano que vem, então até vai ser mais distribuído ao longo de todas as linhas esse crescimento e possibilita a gente entregar, como a gente vem falando, acima da inflação. Ok

LOPES - Tá certo, Bernardo. Obrigado

ROTHER – De nada.

OPERADORA - Encerramos, neste momento, a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Bernardo Rother para as considerações finais. Por favor, senhor Bernardo, queira prosseguir.

BERNARDO ROTHE - Só agradecer novamente a participação de vocês e colocar todo o time de Relações com Investidores do Banco do Brasil à disposição dos senhores analistas e investidores, se tiverem qualquer outra dúvida ou qualquer detalhe que vocês gostariam de explorar. Estamos às ordens e por favor, pode nos contatar. Obrigada novamente e até a próxima teleconferência de resultados do Banco do Brasil.

OPERADORA - A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no portal de relações com investidores na internet. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.